

Senhorita Amanda, um insulto poético

*Maurício Fontana Filho**

Especialista em Ciências Sociais pela Universidade de Passo Fundo, UPF. Bacharel em Direito pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, UNIJUI. Graduando em Medicina pela Fundación Barceló.

 <https://orcid.org/0000-0003-1347-8903>

Recebido em: 17 dez. 2023. **Aprovado** em: 05 dez. 2024.

Como citar esta produção artística:

FILHO, Maurício Fontana. Senhorita Amanda, um insulto poético. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 13, n. 1, e2123, dez. 2024. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14580043>

Há amarelo em vossas narinas, garganta e pulmões. Quase nem respira. E caminhar. Para tanto haveria de se alçar. Um declínio de funções. De ambições. Ofegante. Tão ofegante. Suplica por ar. Encolhe-se curvada à cama. Estás a calar. Estás a ruir frente o meu presenciar.

Pobres bactérias, não compreendem que foram elas as infectadas. Se reproduzem em vosso interior. Em vosso calor. Um muco verdejante, abrasador, cores alegres, escorre por vossos lábios, arroxeados, semicerrados, estás entregue.

Não é enfermidade o seu estado, mas um estilo de vida, sobreviver desregulado. Desenfreado. Inanimado. Terrível é ter vivido um só instante a seu lado.

Vagava pelas noites em busca de coito apressado, loba faminta, grasna ante o inalar de axilas, suas vítimas preferidas, as delícia. A doença é sua rotina. Lhe contamina. E aniquila. E a domina. Demasiado cega para as vinganças que inspira.

A natureza não permite civilizar-se. Aos latidos e espasmos, pulos torpes e engasgos, exala voracidade, mero monstro devorador, mutilado por saudades.

Seu ânimo é determinado pelo odor corporal alheio. Embebe sua face ante doce veneno, mergulha-se em incongruente exagero. Nem o calor de mil sóis a afastariam de mim, de meu

*
 Mauricio442008@gmail.com

corpo, de meu cheiro. Para repeli-la, basta banhar-me, o que considera uma ofensa ímpia, o pior dos males.

Crê-se rainha possuidora de todo o suor humano, e o extrai, desesperada, sempre tão desesperada, despida de pudor e imoderada, sua paixão é doentia, já dizia, carente de vigor e harmonia. E simpatia. Que simpatia? Comunica-se como uma víbora assassina.

Quente como o dia, gélida como a noite, e imprevisível como os ventos, um desequilíbrio perfeito.

O que buscas em minhas axilas? Deixe-as em paz, intentas a sugar minha virilidade, e sabe-se o quê, mais. Pois bem, jamais o farás, que compartilhes as preces de vossa rede de bactérias, vaginais.

Tal inclinação a excita. Amanda, distancie-se de minhas axilas, ou vossa moléstia durará mil dias. Mas Amanda não escuta, Amanda não se importa, tudo o que Amanda quer é degustar minha pele morta.

O monstro nunca está satisfeito, porém é meu monstro, eu o zelo e o protejo. Desimportante o quão grosseiro. Ou impuro. O quão abominavelmente imundo.

Ei de decapitar as axilas de todos que provaste, e reestabelecer vossa saúde. Que queime tudo o que já vi, já vivi, queimem os campos e os florais, quero-te em um belo estado, ou importa-me, nada mais.

São seis dias que não a vejo. Resta. Desejo. Examinar vossos olhos. Tocar vosso peito. Comprometeu-se a me saciar. Mesmo assim enferma, o fará. E se exprimir gritos de oposição, eu ei de usá-la, com exaustão.

E o que farei com seu cadáver, frio e úmido, senão penetrá-lo, com o devido ardil, profundo.

Que escolha me deixas, senão lhe saborear, sobre a palidez de seus membros, ei de chamá-los, meu lar.

Devas ter lhe censurado, agora jaz em berço eterno, vitimada por vontades trágicas, hoje habita, o inferno.